

## O DESENHO DA CRIANÇA COMO AUXÍLIO NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO

### THE CHILD'S DRAWING AS AN AID IN THE DEVELOPMENT PROCESS

*Dorotheia Barbara Santos \**

*Nathália Sousa Rodrigues \*\**

**RESUMO:** O presente trabalho tem por tema “O desenho da criança como auxílio no processo de desenvolvimento”. A escolha por discutir a temática, justifica-se pela necessidade de ampliar e agregar conhecimentos sobre o mundo da criança. Partiu de uma eventual atuação em uma escola pública, onde percebeu-se que uma criança de cinco para seis anos ingressou no primeiro ano do Ensino Fundamental e apresentou dificuldades de aprendizagem, porém demonstrou uma curiosa forma de desenhar e colorir as atividades ilustradas. Neste sentido, a pesquisa tem por objetivo a busca por compreender como o ato de desenhar pode ser um instrumento pedagógico de investigação e auxílio no desenvolvimento da criança. Além disso, analisar as etapas do desenvolvimento humano (infantil), por meio das teorias de Piaget, Wallon e Campos; identificar e refletir como o desenho pode ser usado tal qual uma atividade dotada de várias significações e constatar sobre as prováveis contribuições do uso do desenho no desenvolvimento da criança. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, para tanto, foram utilizados os seguintes autores: Piaget (2021), Bédard (2013) e Campos (2011), entre outros.

**Palavras- chave:** Desenho. Criança. Desenvolvimento.

**ABSTRACT:** The theme of the present work is “Child's drawing as an aid in the development process”. The choice to discuss the theme is justified by the need to expand and add knowledge about the child's world. It started from an eventual performance in a public school, where it was noticed that a child from five to six years old, entered the first year of elementary school, and had learning difficulties, but showed a curious way of drawing and coloring the illustrated activities. In this sense, the research aims to seek to understand how the act of drawing can be a pedagogical instrument for investigation and aid in child development. Furthermore, to analyze the stages of human (infant) development, through the theories of Piaget, Wallon and Campos; Identify and reflect on how drawing can be used as an activity endowed with several meanings and verify the likely contributions of the use of drawing in the child's development. It is a bibliographical research, for that, the following authors were used: Piaget (2021), Bédard (2013) and Campos (2011), among others.

---

\* Professora orientadora, Pedagoga (PUC-GO), Advogada (OAB-GO), Especialista em Metodologia do Ensino Superior (UFG-GO) e Mestre em Educação (PUC-GO)

\*\* Formanda do curso de Pedagogia/2021-2 do Centro Universitário Alfredo Nasser.

**Keywords:** Drawing. Kid. Development.

**Data de Submissão:** 13. out. 2020.

**Data de Aprovação:** 23. dez. 2021.

## 1 INTRODUÇÃO

A escolha por investigar esta temática partiu da necessidade de ampliar e agregar conhecimentos sobre o mundo da criança. Esse assunto surgiu em uma eventual atuação em uma escola pública, onde foi percebido, que uma criança de cinco para seis anos, que ingressou no primeiro ano do Ensino Fundamental, apresentou dificuldades de aprendizagem, mas demonstrou uma curiosa forma de desenhar e colorir as atividades ilustradas.

Constantemente seus desenhos e pinturas seguiam um padrão imutável, sempre em forma de colunas, na vertical, e durante o período de observação notou-se que ela possuía muita objeção à aprendizagem, dificuldades de se relacionar com seus pares e um perfil muito introvertido. Dessa observação, surgiu a hipótese de que crianças como essa, poderiam ser compreendidas através do uso do desenho como instrumento pedagógico, o que conseqüentemente poderia dar voz a elas.

Nesse sentido, suscitou-se o seguinte questionamento: “Como é o processo de desenvolvimento humano?”, “Como funciona o expressar-se da criança por meio do desenho?”, “Qual é a contribuição do desenho nesse processo de desenvolvimento?”. Assim, tem-se como objetivo geral deste trabalho a busca por entender como o ato de desenhar pode ser um instrumento pedagógico de investigação e auxílio no desenvolvimento da criança. E especificamente analisar as etapas do desenvolvimento humano, a partir das teorias de Wallon e Piaget; identificar e refletir como o desenho pode ser usado tal qual uma atividade dotada de várias significações; discutir sobre as prováveis contribuintes do uso do desenho no desenvolvimento da criança, e evidenciar como o desenho pode ser usado como instrumento de investigação e compreensão de inúmeros aspectos relativos à aprendizagem da criança.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica para tanto, foram utilizados os seguintes autores Piaget (2021), Bédard (2013) e Campos (2011) entre outros. Está dividido em: O desenvolvimento do ser humano (infantil), através de estágios; O expressar-se da criança por meio do desenho e A contribuição do desenho para o processo de desenvolvimento.

## **2 O SER HUMANO (INFANTIL) E O SEU DESENVOLVIMENTO EM ESTÁGIOS.**

Para Campos (2011), todas as atividades profissionais que envolvem o relacionamento com os seres humanos, seja de forma direta ou indireta, como, por exemplo, os educadores, precisam conhecer um pouco da evolução psicológica do homem, ou seja, o seu desenvolvimento.

Segundo a autora, durante a era cristã, a religião dominava os aspectos relacionados à ciência e a filosofia. Os líderes religiosos possuíam todo o acesso às informações e conhecimentos existentes na época. Conforme esta autora, Santo Agostinho (um dos mais importantes filósofos e teólogos dos primeiros séculos do cristianismo) introduziu o método da introspecção, que é o ato de auto-observação. Todas as noites, antes de dormir, ele fazia uma análise do seu dia para avaliar como havia sido o seu comportamento, os seus atos, as suas palavras e até mesmo seus pensamentos.

No entanto, segundo essa autora, Santo Tomás de Aquino ao resgatar as ideias de Aristóteles (que idealizava o conhecimento baseado na observação) trouxe a proposta de que a verdade científica está baseada na observação e experimentação, por isso, se faz indispensável observar alguns aspectos do desenvolvimento humano. Sabe-se que o seu período de vida é constituído e faseado (que se divide em fases), em etapas chamadas de estágios.

[...] tais como: fase pré-natal, do recém-nascido, primeiro ano de vida, pré-escolar, escolar, adolescência, adulto jovem, adulto médio e senescência. Um estágio desenvolvimental deve ser considerado como um período de tempo no qual o ciclo vital é definido por uma reunião particular de características físicas, emocionais, intelectuais e sociais. (CAMPOS, 2011, p. 56).

De acordo com Wallon (2015), os estágios de desenvolvimento são integrados à razão e a emoção, ou seja, o desenvolver infantil pode ser definido pelos aspectos do seu amadurecimento orgânico como também da capacitação de símbolos do mundo em seu entorno. E esse se dá por estágios, e o que distingue um do outro é o comportamento particular de cada indivíduo.

Para o autor, o desenvolvimento de cada sujeito se inicia no momento da fecundação, onde forma-se a primeira célula, e assim o processo ocorre por toda sua existência. O recém-nascido, por ser impossibilitado de viver e agir sozinho, usa da sensibilidade orgânica e da comunicação emocional para satisfazer as suas necessidades. Quando essa comunicação é trabalhada de forma primitiva, ocorre na criança o acesso à linguagem simbólica, por meio do contato com o mundo cultural, o que permite a ela agregar e construir aspectos históricos culturais.

Segundo Wallon (2015), três meses após o seu nascimento começam a surgir os reflexos e movimentos impulsivos. Este é o início do ser humano, pois é quando começa a construção afetiva e/ou emocional, que se estende por toda a infância da criança. Mesmo não tendo conhecimentos e habilidades suficientes para agir e manusear essas características, por ser um processo prolongado, a criança dirige as suas primeiras intuições e emoções para o outro.

A marca psíquica do comportamento, neste período, é a de uma fusão com o ambiente humano do qual a criança depende então totalmente, por ser incapaz de prover sozinha às suas necessidades mais elementares. Com esta condição fundamental de sua sobrevivência vem a calhar o desenvolvimento rápido e completo de seus automatismos emocionais [...] seu aparecimento na criança é resultado de maturação. (WALLON, 2015, p. 120)

De acordo com o autor (2015), no primeiro ano surge a exploração sensório-motora, e a partir de dois anos em diante ela passa a usar o instrumento simbólico da fala, que é regado pelo ambiente em que ela se encontra, ou seja, “Sistema de contrações musculares [...] período de lalação e de murmúrio, que a leva a descobrir, em simultâneo, seu registro fonador e auditivo, uma grande quantidade de sons que serão usados pela língua que será falada”. (WALLON, tradução 2015, p.121).

No próximo estágio apresentado por Wallon (2015), a criança começa a percorrer pela fase da imitação. Essa prática, desde os povos primitivos mostra-se essencial para que o grupo social exista.

Daí que nasceu a imitação. Foi necessário, sem dúvida, que ocorresse uma espécie de reviravolta. A acomodação mútua, que era imediata e instantânea, tornou-se integração latente e pessoal de impressões. Foi uma forma subjetiva de repetir as coisas. Acentuou-se, assim, a diferenciação entre ato de imitação e o real. A imitação concretizou-se como uma capacidade latente, um dinamismo produtor, um modelo em potencia que começou por perceber-se apenas em sua realização efetiva, mas que pode, em seguida, desligar-se dela, para tornar-se representação pura. Não foram mais acomodação os outros em sentido estrito; tornou-se imitação de cenas e de acontecimentos; tornou-se instrumental; deu lugar aos simulacros, que contrapunham de maneira nítida o signo à coisa. (WALLON, 2015, p. 219)

Segundo Campos (2011), nesse período a criança percorre pela etapa da personalidade, fase esta em que o seu “eu” ainda não foi descoberto. Então, ela passa a imitar os adultos que estão a sua volta, como o pai ou a mãe, ou alguém que ela admire. Depois de muitos progressos, descobre e constrói a sua própria personalidade, e é nessa fase que ocorre a adaptação na vida familiar e escolar, e exemplo disso são as brincadeiras de faz de conta, em que a criança busca imitar aspectos do seu cotidiano como: ao observar a mãe fazendo as refeições diárias, a criança pega as suas panelinhas de brinquedo, e assim como um reflexo, passa a recriar aquilo que ela viu; ou depois de um dia de aula, ao admirar a sua professora ministrar a aulas, a menina ou o menino, vai pegar os seus cadernos e lápis, e em um gesto imaginário vai recriar as experiências vividas em sala de aula, porém com ele (a), no papel do professor.

De acordo Piaget (2021), a criança também passa por estágios no seu desenvolvimento, o primeiro nível, o sensório-motor, onde ela ainda não tem função simbólica, e isso não a permite apresentar parâmetros (que é quando a criança consegue diferenciar significados e significantes, e os atribui a objetos e situações e/ou a capacidade que leva a criança a guardar lembranças de pessoas que não estão presentes fisicamente), e representações em relação ao outro, quando esse não está presente. Porém o desenvolvimento mental nos 18 primeiros meses ocorre de forma rápida, e é de grande importância, pois é nesse momento, que ela começa a construir e elaborar estruturas cognitivas, que darão origem as construções perceptivas, intelectuais e afetivas. Por falta da função da

linguagem, a criança usa de movimentos e ações sensório-motoras para se comunicar.

Para o autor, no decorrer desses dezoito primeiros meses, a criança passa pela fase da construção do real, uma revolução chamada de descentração geral, ou seja, quando ela se situa como um objeto entre os outros em um mundo formado por objetos permanentes (capacidades do indivíduo de adaptar-se ao meio em que vive). Entre o quinto e o sétimo mês, se um objeto de interesse da criança é retirado do seu campo de visão, ou é escondida, ela vai entender que esse não existe mais, (PIAGET, 2021, p. 20) “Ora, o universo inicial é um mundo sem objetos, que consiste apenas em ‘quadros’ móveis e inconsistentes, os quais aparecem e, logo, reabsorvem totalmente”, e a sua única reação diante da situação é chorar por estar decepcionada pela perda, mas a partir de seus nove à dez meses, ela começa a entender que ele não se desfez, mas que foi escondido.

Segundo esse autor (2021), entre um ano e meio e dois anos, encerra o período sensório-motor, e entra a função semiótica (simbólica), que é o pré-operacional, que consiste em conseguir fazer representações, ou seja, dar significado aos objetos seja por meio da linguagem, imagem mental ou um gesto. Assim como Wallon (2015) e Campos (2011), Piaget (2021) também traz o papel da imitação, pois ela constitui a passagem do nível sensório-motor para as condutas representativas.

A aquisição da linguagem, tornada acessível nesses contextos de imitação, cobre finalmente o conjunto do processo, assegurando um contato como outrem muito mais vigoroso do que a simples imitação e permitindo, portanto, a representação nascente aumentar os seus poderes apoiada na comunicação. (PIAGET, 2021, p. 55)

Para melhor compreensão, a autora Cavicchia (2010), conceitua de forma resumida as etapas do desenvolvimento segundo a teoria de Jean Piaget, sendo ela, de 0 à 2 anos, sensório-motora (que são as primeiras formas de pensamento e expressão); até o primeiro mês ocorre o exercício dos reflexos, onde começam as adaptações iniciais espontâneas devido a certos estímulos; de 1 à 4 meses e meio, começam as primeiras adaptações, que é quando o ambiente começa a exigir transformações; dos 4 e meio aos 8 e 9 meses iniciam as adaptações

sensório-motoras intencionais; nos 8 e 9 aos 11-12 meses, surge a coordenação dos esquemas secundários, ou seja, quando a criança busca um fim não imediatamente atingível por meio da sua coordenação. Na faixa de 2 à 7 anos, se encontra o pré-operatório ou simbólico que é a transição da inteligência sensório-motora para a inteligência representativa, essa passagem se realiza por meio da imitação.

Embora sejam duas teorias divergentes em alguns quesitos, Wallon (2015) e Piaget (2021) apontam a afetividade e a relação com o outro como um aspecto fundamental para o processo de desenvolvimento, em que se observa a relevância familiar no processo de construção da criança, pois essa se torna um espelho que reflete a imagem de seus responsáveis, uma vez que,

O desenvolvimento cognitivo das crianças totalmente dominadas e controladas pela família parece ser muito mais lento, conforme estudos procedidos. Também foi verificado que as mães muito diretivas inibem as interações da criança com o mundo. (CAMPOS, 2011, p. 80).

De acordo com essa autora, durante a infância, e ao chegar a adolescência, o ambiente em que o sujeito está inserido o faz ter experiências sociais, onde ele vai selecionar e excluir características que gosta ou não nas outras pessoas, e assim, constrói a sua própria personalidade, por meio dessa eleição das particularidades. E tais experiências favorecem ou não o processo de desenvolvimento.

Embora os seres humanos sejam da mesma espécie, esses apresentam diferenças em suas cargas genéticas, estímulos e ambiente em que vivem, e assim é construída a complexidade. Por isso, é essencial observar as diferenças e particularidades de cada um no seu processo de desenvolvimento humano.

### **3 O EXPRESSAR-SE DA CRIANÇA POR MEIO DO DESENHO**

De acordo com Oliveira (2019, p. 3) “o desenho, desde os tempos mais remotos, foi uma das primeiras formas de comunicação” conforme as necessidades que o homem sentia de expressar-se e apresentar aspectos vividos por ele no seu cotidiano, ele passou a usar as representações gráficas,

e essas eram realizadas por meio dos desenhos. Como prova disso tem-se “as marcas nas paredes das cavernas” (idem) que “legitimam a existência e a evolução do homem ao longo dos séculos” (idem), com isso o desenho foi um grande instrumento de investigação e compreensão da história da humanidade. E segundo o autor, o desenho pode ser entendido como, “traços, riscos, rabiscos, contornos, esboços, imagens visuais e coloridas, portanto, um desenho é muito mais do que simples imagem”. (idem)

Em conformidade com o site Conceito.com (2020), o desenho é “uma representação gráfica constituída por linhas, pontos e/ou formas que se realizam sobre uma superfície com a ajuda de algumas ferramentas”. E seguindo as ideias da etimologia (que é o estudo da origem das palavras), desenho, é uma palavra originária francesa (*déboissier*), que ao ser passada e traduzida para a língua portuguesa, recebeu o significado de esboçar e esculpir. Assim é necessário “[...] pensar o desenho como linguagem universal que possui convenções pertencentes à sociedade e a cultura e perpetua diferentes gerações. Cada qual com suas singularidades próprias, dotada de história.” (HANAUER, 2011, p. 3).

Segundo Bédard (2013) no momento da primeira infância, que está entre os 18 e os 24 meses, a criança está na fase da experimentação, ou seja, ela recebe mais estímulos externos do que se expressa, pois no início só o ato de segurar o lápis na mão, já é uma preza, mas com o tempo “a criança começa a controlar esse meio e, em seguida poderá expressar-se através dele”. De acordo com o seu crescimento, o ato de desenhar se torna um jogo, uma brincadeira, e isso evolui junto com a criança.

Para essa autora, dos 18 meses aos 2 anos, a criança começa a rabiscar livremente, em superfícies grandes, porém nessa fase a sua coordenação ainda não é precisa e desenvolvida. De 2 aos 3 anos, ela passa a ter vontade de usar outros tipos de materiais, como, giz de cera e aquarela, aqui a coordenação começa a se desenvolver, e suas mãozinhas passam a segurar o lápis (ou outro instrumento) com mais firmeza.

Entre 3 e 4 anos, ela começa a expressar-se através dos desenhos, mas antes ela informa o que irá desenhar. Já dos 4 aos 5 anos, ela seleciona e usa as cores conforme a realidade, por exemplo, o sol amarelo e o céu azul. Quando essa começa a aprender a escrever, ela perde um pouco o interesse pelo

desenhar, mas a sua imaginação nessa fase está muito apurada, por isso os contos de fadas encantam a atenção das crianças dessa idade.

[...] destacamos a Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, como um espaço para o viver da infância que promove a apropriação das diferentes linguagens e manifestações expressivas, dentre estas, o desenho, signo dotado de significados. (HANAUER, 2011, p. 4).

De acordo com as ideias de Alexandroff (2010), existe uma relação entre o desenho e a escrita, pois ambas são formas de expressões da função semiótica, que de acordo com a teoria Piagetiana (2021 p. 51) “a função semiótica servem para designar os funcionamentos fundados no conjunto dos significantes diferenciados” são mecanismos sensório-motores “que implique a evocação de um objeto ausente” (idem), ou seja, é uma habilidade que busca elaborar a capacidade de representar um objeto ausente por meio de símbolos e signos. O Dicionário de Língua Portuguesa (2010<sup>1</sup>) define Símbolo como “aquilo que representa ou sugere algo” é algo reconhecível, que representa algum conceito concreto, como um time de futebol. Por conseguinte, signo é a “unidade linguística mínima que possui um significante (imagem acústica) e um significado (conceito), indissociáveis e ligada por uma relação arbitrária” é algo abstrato, como sentimentos.

Segundo Campos (2014), pensar no desenho infantil é um desafio, principalmente quando não se tem informações básicas sobre o processo de produção das crianças. A família e o professor não precisam saber e/ou fazer uma análise e interpretação profissional do desenho das crianças, mas entender alguns aspectos sobre o desenhar infantil permite que os responsáveis e profissionais envolvidos na educação da criança, percebam e captem informações acerca da personalidade, necessidades e habilidades delas.

Na busca por demonstrar as representações de alguns aspectos gerais do desenho, Bédard (2013), elencou alguns desses pontos. O primeiro, a ferramenta de uso principal: o lápis, a escolha que a pessoa fará do lápis que

---

<sup>1</sup> Dicionário de Língua Portuguesa, 2010. Disponível em: <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/simbolo>>. Acesso em: 08 out. 2021.

usará para desenhar, já traz informações sobre ela. Segundo a autora, a criança que escolhe o lápis de ponta fina indica que ela prefere o conforto, a que escolhe o de ponta média, costuma ser uma criança adaptável e flexível.

Por outro lado, a que prefere o lápis de ponta grossa, demonstra ser uma pessoa firme em suas decisões. Também são expostas para as crianças outras ferramentas, como o giz de cera e a aquarela, e quando ela cresce e demonstra preferência a esses materiais, indica um potencial artístico, inclinado para as atividades manuais e físicas, já a que prefere o lápis de madeira, é atraído para atividades reflexivas.

Segundo a autora, outro importante aspecto é a orientação espacial: que é a localização do desenho na folha de papel. O espaço superior da folha representa a cabeça, é o intelecto, o imaginário e a curiosidade da criança, já a inferior, indica as possíveis necessidades, tanto físicas como materiais que a criança possa ter. O lado esquerdo do papel indica o passado; o centro representa o presente, o momento atual, e o lado direito, por sua vez, demonstra o futuro.

Campos (2014), em cunho cooperativo com as ideias de Bédard, elencou aspectos que trarão agregações a essa localização espacial, e segundo a autora, o lado esquerdo da página indica introversão, no centro mostra que a pessoa é autocentrada e ajustada, e o lado direito, demonstra extroversão.

Para Bédard (2013), a dimensão do desenho também traz informações sobre a criança. Um desenho pequeno indica crianças tranquilas que se agradam e conformam-se com espaços não muito grandes. Mas também necessitam de um olhar mais atencioso, pois podem expressar falta de confiança. Por outro lado, quando o desenho é frequentemente grande, demonstra segurança, e o desenho com formas, pode também ser um desenho de compensação, em que a criança ao sentir que não recebe a atenção que precisa os usa em tamanho grande para chamar a atenção, assim como demonstrar que ela existe e precisa ser vista. Além disso,

O que nos deve inclinar a uma ou outra destas interpretações são as cores utilizadas. Se forem cores fortes como vermelho, a laranja e o amarelo, podemos estar diante de uma criança exigente, que procura chamar a atenção [...] Pelo contrário, se suas cores forem suaves, em tons azuis ou verdes, nós nos encontramos diante de uma criança com um comportamento social adequado. (BÉDARD, 2013, p. 18).

Algumas vezes são observados desenhos repetitivos que apresentam o mesmo tema. Segundo a autora essa repetição frequente, precisa de um olhar cauteloso, porque ele, segundo a autora, traz ramificações de significados. Se ao fazer um desenho a criança recebe alguma supervalorização por parte dos pais e/ou professores, por ser elogiada, ela passa a achar que é querida pelo desenho feito por ela, e por isso desencadeia a repetição do mesmo tema, na busca por mais enaltecimento.

Para a autora, se não houve um momento de superestimação do desenho, sua repetição pode ter origem em outro motivo, o da experiência marcante, ou seja, a criança que viveu uma experiência agradável, que gerou sentimentos de felicidade e bem-estar, ela vai buscar reproduzir aquelas emoções, e recriar a situação vivida, por meio do desenho. Por outro lado, se ela passou por uma situação desagradável, que não conseguiu superar e aceitar, ela reproduzirá algum aspecto da experiência vivida, e usará da repetição do desenho para mostrar e dizer o que a incomoda.

Em contrapartida, pode-se notar a diversidade de temas quando a criança realiza uma grande variedade de desenhos diferentes uns dos outros e que não possuem nenhuma ligação entre eles. Indica, portanto, ser facilmente influenciável pelo ambiente em que está, e pelas pessoas em sua volta. É uma criança que costuma ter o humor instável e moldável às situações e ambientes. Isso ocorre porque a sua sensibilidade é bem apurada, e por isso ela transporta para o desenho a sua condição anímica, ou seja, seus sentimentos.

Segundo Bédard (2013), outro aspecto importante são as figuras humanas, que na maioria das vezes representam a si mesmas ou as pessoas que estão ao seu redor. Os elementos mais importantes nesse tipo de desenho são o rosto, os braços e os pés. Quando os olhos desenhados, são grandes e redondos, indica uma criança curiosa, que observa a sua volta, mas pode também ser indícios de medo. Já os olhos excessivamente pequenos podem indicar que ela não quer enxergar o que acontece a sua volta, ou que sabe que lá se esconde alguma coisa. (FIGURA 1)

**Figura 1-** Desenho da figura humana.



Fonte: Bédard,

2013, p.72.

A inexistência da boca nos desenhos revela uma criança, que prefere se calar, e não gosta de compartilhar o que sente e pensa. Por outro lado, uma boca destacada, seja pela cor ou pelo tamanho, retrata uma criança, que gosta de se comunicar com todos. (FIGURA 2).

**Figura 2-** Elementos da figura humana.



Fonte: Bédard, 2013, p. 104.

Para Campos (2014) a boca nos desenhos pode referenciar satisfação, ou procura dela, como por exemplo, o desenho receber a ilustração de uma boca grande relaciona-se a ambição, já com um simples traço reto, traz a ideia de introversão.

Para Bédard (2013), a posição dos braços também merece atenção, haja vista que se esses estiverem para cima é um indicador de atenção, de que ela quer ser ouvida. Se todos os personagens humanos presentes no desenho estiverem com os braços para baixo rente ao corpo, demonstra que a criança passa por um momento em que não quer contato ou socializar-se com o outro. Porém, se eles estiverem abertos na horizontal, a criança está disposta a receber

qualquer estímulo que lhe oferecerem, por isso demanda necessidade de interação com os demais. E em relação aos pés, quando esses são ausentes do desenho, aponta para uma criança que procura estabilidade, ou se sente completamente dependente de algo e ou alguém. (Observar a figura 1 e 2).

Entretanto, segundo Campos (2014), os braços e as mãos estão relacionados à construção da identidade da criança, e à sua adaptação com e em sociedade e ambiente. Por exemplo, braços rentes ao corpo retrata “[...] desejo de superar o problema”, com os braços para traz, “falta de confiança” e ou “insegurança” (CAMPOS, 2014, p. 95)

De acordo com Bédard (2013), outro ponto importante é a escolha entre desenhos prontos para colorir e folhas de papel em branco. Ambas são importantes e essenciais para a criança. Os desenhos impressos ajudam a construir a sua concentração, e entender os limites e regras que existem na vida cotidiana. Esse tipo de material não limita a imaginação dela, mas as linhas da imagem demarcam até onde se pode conduzir a pintura. Fazem com que ela entenda que no seu dia a dia, (Bédard 2013, p. 14) “há contingências que a criança deverá respeitar”, já o papel em branco, traz mais liberdade à imaginação da criança e estimula a sua criatividade. “Na vida, nem sempre a pessoa tem a possibilidade de se expressar com toda liberdade. O desenho é um bom momento para se fazer isso”. (idem).

Por meio do desenho, a criança se expressa, cria-se e constrói o seu mundo. Por meio dele conta histórias, canta, brinca, ilustra seus sentimentos e emoções, temores, expectativas, sonhos e características de sua personalidade. É, portanto, uma atividade que possibilita o seu desenvolvimento, em todas as suas ramificações, seja cognitivas, afetivas e motoras, que fazem parte da sua formação integral.

#### **4 A CONTRIBUIÇÃO DO DESENHO PARA O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO**

Conforme os autores Júnior, Oliveira e Ribeiro, (2016, p. 3), “Através dos desenhos as crianças percebem formas de dizer coisas” e “podem ser usadas como instrumentos valiosos no dia a dia do professor, que ao interpretá-los, pode obter resultados que facilitarão o desenvolvimento e aprendizagem.”, pois no ato

de desenhar está contido a percepção da criança em relação ao ambiente em que ela está inserida.

Para Bédard (2013), quando desenha, a criança expressa de forma inconsciente, o seu mundo, quem ela é, como se sente, suas habilidades e dificuldades, e até mesmo aspectos da sua evolução social. Ou seja, sem perceber, a criança transfere a sua condição anímica, que é: sua alma; seus sentimentos; pensamentos e emoções, para o papel, por isso, o desenhar deve ser uma prática de livre exteriorização, pois,

O desenho representa, em parte, a mente consciente, mas também, e de uma maneira mais importante, faz referência ao inconsciente. Não devemos esquecer-nos de que o que nos interessa e o simbolismo e as mensagens que o desenho transmite-nos, não sua perfeição estética. Sem perceber, a criança transporta seu estado anímico ao papel. Não é conveniente obrigá-la a desenhar se ela não sente a necessidade de fazê-lo. Desenhar por prazer, nunca por obrigação. (BÉDARD, 2013, p. 8).

De acordo com Bauman (2001), a sociedade contemporânea é chamada de Modernidade Líquida. Segundo esse autor, ela recebeu esse título, devido a sua fluidez, individualidade, e por ser repleta de sinais confusos, e que trazem uma profunda e imprevisível rapidez em mudanças. Tal cenário social prejudica o desenvolvimento das crianças, pois essas estão inseridas em uma sociedade que a todo o momento acelera e pula fases da vida humana, indispensáveis.

Segundo Costa e Paiva (2015, p. 4), o extremo acesso às tecnologias de forma precoce em troca de brinquedos e brincadeiras físicas, suprimento da presença dos pais por aparelhos tecnológicos, retira das crianças o seu porto seguro, e o seu direito de entender-se no tempo certo, com dificuldades de conhecer-se, entender o próprio entorno e principalmente de expressar-se, o que pode prejudicar o seu desenvolvimento social.

O uso indiscriminado da tecnologia desconstrói o vínculo afetivo entre os membros da família, nesse sentido, a ausência de referência de natureza emocional dificulta as crianças a desenvolverem sua cognição no âmbito escolar, pois, a falta de equilíbrio entre o aspecto cognitivo e afetivo compromete o desempenho dos alunos. (COSTA; PAIVA, 2015, p. 5).

O desenho se faz como instrumento que dará voz a essas crianças, e permite que o professor colha inúmeras informações sobre elas. Por meio dele transmite a sua forma de ver o mundo. Quando o professor entende, que o desenho pode ser usado como base da análise do processo de construção do desenvolvimento humano da criança, lança a mão de grande ferramenta pedagógica.

Segundo Piaget (2021), o desenho em suas etapas, que vão desde as garatujas e rabiscos, até a construção do desenho, contribui para a representação simbólica de pensamentos, ideias, entre outros, e auxilia também no progresso do desenvolvimento motor, emocional e da aprendizagem, que se constrói a partir da obtenção de conhecimentos, experiências, habilidades e valores.

Segundo Bédard (2013) ao analisar o expressar-se do estudante por meio do desenho, o professor auxiliará na compreensão e organização das ideias e sentimentos atribuídos no processo da aprendizagem. Para isso é preciso observar esses desenhos de acordo com as fases e os estágios em que as crianças protagonistas se encontram.

Alexandroff (2010) faz um breve comentário sobre as fases do desenho segundo as teorias de Luquet (1927), e afirma que a sequência de desenvolvimento do desenho se dá por meio de estágios. O primeiro é o estágio do Realismo Fortuito: onde ocorre o desenho involuntário, que são linhas feitas pelas crianças de forma inconsciente, ou seja, ela ainda não tem o entendimento de que as linhas podem formar objetos. Nesse mesmo estágio a criança avança para o voluntário, que é quando ela começa a dar sentido aos traços. (FIGURA 3).

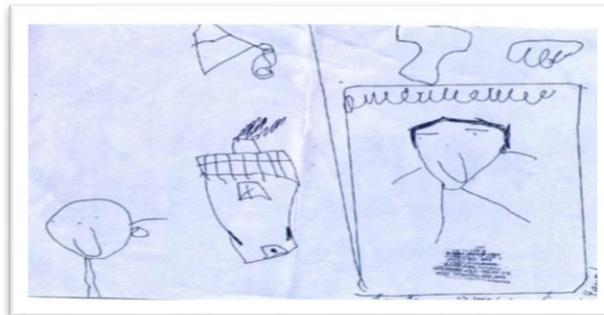
### **Figura 3- Realismo Fortuito**



Fonte: Alexandroff, 2010, p. 31.

O segundo estágio, é a do Realismo Fracassado, que ocorre por volta dos três e quatro anos de idade, e é quando a criança descobre a identidade dos seus traços, e usa disso para tentar reproduzir objetos e formas que ela ainda está a aprender. É nessa fase que ela percebe as formas que ela possui mais dificuldade e mais facilidade para executar. (FIGURA 4)

**Figura 4 - Realismo fracassado**



Fonte: Alexandroff, 2010, p. 32.

De acordo com a autora, o terceiro, é o estágio do Realismo Intelectual, que ocorre desde os 4 aos 10-12 anos. Aqui a criança desenha não só o que vê, mas também o que sabe, porque a sua intelectualidade vai além do concreto. Ela desenha tudo o que está internalizada em si, tudo o que ela já sabe. (FIGURA 5).

**Figura 5 - Realismo intelectual**



Fonte:

Alexandroff, 2010, p. 32.

O quarto estágio, é o do Realismo Visual, que é quando a criança se encontra em uma perspectiva, de que deve se submeter às leis, empobrece o grafismo, perde o humor infantil, e se junta às produções adultas. Aqui ela desenha apenas o que é visível, dessa forma o desenho infantil chega ao fim, essa fase ocorre entre os 12 anos de idade. (FIGURA 6)

**Figura 6 - Realismo Visual**

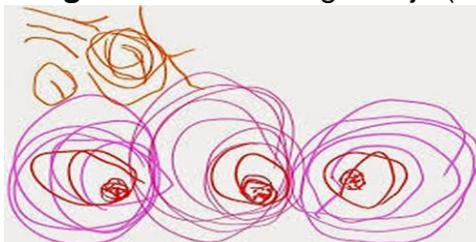


Fonte: Alexandroff, 2010, p. 34.

Segundo essa autora, o desenho e a escrita surgem juntos, no momento em que o desenho é involuntário (estágio do realismo fortuito). Ressalta-se que é nesse momento que a escrita começa a aparecer, só que em forma de desenho. Quando a criança entra na fase do desenho voluntário (ainda no fortuito, que é quando o desenho é regido por intenção) a criança passa a distinguir e diferenciar desenho de escrita. Neste momento ela entende ambos como objetos de substituição, ou seja, o simples rabisco, agora passam a ter

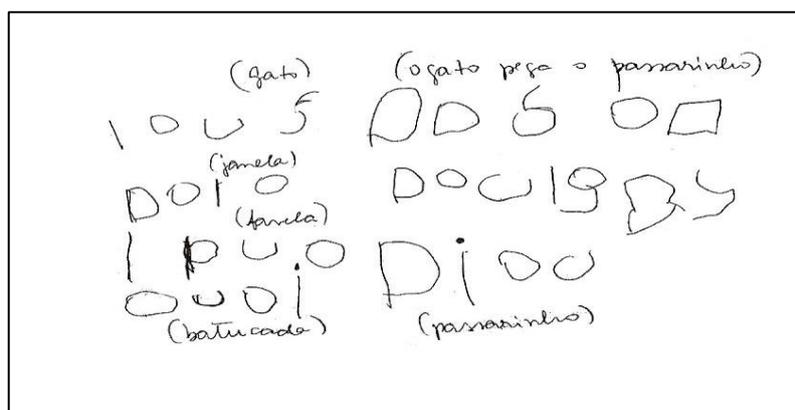
sentido, é dividido em dois elementos diferentes, sendo o desenho e a escrita pré-silábica. (FIGURA 7 e 8).

**Figura 7 - desenho garatuja (rabisco)**



Fonte: Imbroisi, 2017.<sup>2</sup>

**Figura 8 - Escrita pré-silábica.**



Fonte: Níveis da escrita, 2021.

Posteriormente, quando a criança entra no realismo visual, essa parceria do amadurecimento paralelo dessas duas funções chega ao fim, pois agora ela passa a se empenhar para aprimorar essas duas atribuições, porém de forma separada, haja vista que na escrita ela busca aprender a ortografia e no desenho passa a lapidar mais os seus traços.

Conforme Alexandroff (2010), apesar do desenho e a escrita serem duas funções diferentes, não se pode negar o fato de se principiarem juntas. Apesar

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/vamos-garatuja/>> Acesso em: 22 out. 2021.

de serem separadas em uma determinada fase da vida, a relação, a importância e a competitividade entre elas precisam ser observadas, uma vez que,

Muitos professores da educação infantil e, principalmente, das séries iniciais do Ensino Fundamental, afirmam que não podem perder tempo com os desenhos das crianças, pois há muito conteúdo a ser desenvolvido. Analisando-se as relações acima expostas, pode-se constatar que, na realidade, é exatamente o oposto, pois ao desenhar, a criança está se desenvolvendo e aprendendo a representar graficamente suas experiências e para chegar à escrita, são poucos passos a serem dados. (ALEXANDROFF, 2010, p. 39).

Incentivar as crianças da Educação Infantil a adotarem o uso da prática de desenhar não é perda de tempo ou apenas uma ocupação para momentos em que os professores não prepararam uma atividade, mas é um instrumento riquíssimo para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem da escrita, uma vez que essa função surge no momento da representação gráfica do desenho.

De acordo com Piaget, (2021, p. 61) “o desenho é uma forma de função semiótica”, ou seja, vai além da função sensorio motora, pois é a capacidade de representar um objeto por meio de símbolos e signos. Segundo ele, Luquet em “[...] seus célebres estudos sobre o desenho infantil, propôs estágios e interpretações que continuam válidos até hoje”. (idem)

Segundo esse autor, a ideia de Luquet (como visto anteriormente), é que o desenho da criança até os 8 e 9 anos, possui a intenção essencialmente realista, pois ela desenha o que sabe sobre a pessoa e ou objeto escolhido, antes de registrar graficamente o que ela vê neles. Os estágios do desenho apontados por Luquet, trazem uma convergência, isto é, uma semelhança e concordância com o processo de desenvolvimento e evolução geométrica espontânea da criança.

As primeiras intuições especiais da criança são, com efeito, topológicas antes de serem projetivas ou de se conformarem com a métrica euclidiana. Existe, por exemplo, um nível em que os quadrados, retângulos, círculos, elipses etc. são uniformemente representados por uma mesma curva fechada, sem retas nem ângulos (o desenho do quadrado só é aproximadamente correto depois dos quatro anos), ao passo que cruces, arcos de círculo etc. serão figurados como figuras abertas. (PIAGET, 2021, p.63)

Segundo Piaget (2021), a criança desenha mais o que sabe do que o que ela vê no objeto e ou sujeito (personagem a ser desenhado por ela). E esse desenho passa por estágios, que são fases, e de acordo com que a criança se desenvolve e amadure, o desenhar também, de certa forma, “evolui”.

O primeiro estágio é o da Garatuja: que segundo Piaget, são “rabiscos” que a criança realiza no papel de forma livre, que vai da fase sensório-motora (0 à 2 anos) até à pré-operacional (2 à 7 anos). A criança demonstra prazer em desenhar, e não há presença de figura humana e ou então aparece de forma imaginária. De acordo com Piaget (2021), essa fase se divide em dois tópicos, a Desordenada, que são movimentos amplos e desordenados, (porque ainda não sabem fazer representações), e a Ordenada, que são traçados longos e circulares. A figura humana continua a aparecer apenas no imaginário, mas com grande frequência, são desenhados sóis e mandalas. Segundo o autor, nessa fase o símbolo já existe, por isso ela atribui ao desenho nomes e histórias.

O segundo é o Pré-Esquematismo: aparece junto à fase pré-operatória, que é quando a criança começa a descobrir a relação entre desenho, pensamento e realidade. No começo dessa etapa os desenhos são bem dispersos, e não há relação entre eles, mas com o tempo eles começam a seguir uma ligação emocional.

O terceiro é o Esquematismo: está dentro das fases das operações concretas (7 à 10 anos) e aqui já se tem um conceito definido da figura humana, porém podem aparecer exageros, negligências, omissões ou mudanças no símbolo. O quarto é o Realismo: que também está na fase das operações concretas, porém no final desta. É nesse momento que aparecem as formas geométricas, um maior formalismo dos traços, acentuação das roupas nas figuras humanas, e é feita a separação dos sexos por meio do vestuário. Já o quinto estágio, é o Pseudo Naturalismo: é o fim do desenho como atividade espontânea, e é quando se inicia a investigação da sua personalidade, e a criança começa a colocar características únicas em suas criações, bem como desenvolve um estilo.

De forma geral, os estágios ocorrem da seguinte forma de acordo com Piaget, de 1 à 3 anos, surgem às garatuja, simples riscos ainda desprovidos de controle motor. De 3 à 4 anos, os desenhos começam a ganhar forma e a ter

intenção de produzir algo. De 4 à 5 anos, aparecem os temas clássicos do desenho infantil, como paisagens, casinhas, flores, veículos e animais. Já dos 5 aos 6 anos, os desenhos recebem um roteiro, uma história. E dos 7 aos 8 anos, inicia-se o realismo, ou seja, os desenhos passam a transmitir a impressão de profundidade e distância.

De acordo com Campos (2014), o desenho permite que o professor adquira pistas e informações sobre a criança e a maneira como ela vê o mundo e como se vê nele. Quando o educador e até mesmo a família entendem as etapas do desenho infantil, eles encontram nelas um instrumento para compreender as crianças. Por isso o professor deve atentar-se para essa ferramenta de aprendizagem.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em virtude dos fatos mencionados na construção desse artigo, baseado em pesquisas bibliográficas, pode-se concluir que o desenho da criança é um instrumento de excepcional valor para o seu processo de desenvolvimento. Desde os tempos mais remotos, o ser humano tem criado filosofias e ideologias para compreender o seu comportamento, e é notório, que a observação é um dos meios de pesquisa mais rica, pois analisa todos os aspectos da vida e cotidiano do sujeito.

Grandes teóricos como o notável Piaget (cujas teorias são bases para construções pedagógicas) observou e classificou o processo de desenvolvimento infantil em estágios, que são níveis de evolução que o humano atinge gradativamente de acordo com a sua faixa etária. E assim como ele, outros autores, (como Wallon e Campos) constataram que as relações entre o sujeito e o ambiente em que está inserido, geram experiências sociais, que levam a criança a internalizar e ou excluir características de outras pessoas e por meio dessas seleções construirá a sua própria personalidade. Essas vivências podem interferir no processo de desenvolvimento, e favorecer ou não essa construção.

Por isso, o desenho pode ser usado como um instrumento indispensável para obter conhecimentos sobre a criança, porque ele tem a capacidade de dar

voz a ela. É através dos desenhos, que o professor poderá interpretá-los, e obter respostas que facilitarão a compreensão de aspectos relacionados a seus alunos. O pedagogo (a), observará se o traçado do desenho está de acordo com o estágio estimado para aquela idade. Caso haja um atraso na evolução das etapas do desenho (também construídas e classificadas por Piaget baseada nos estágios de desenvolvimento) o profissional educacional deverá se atentar àquela criança, para investigar se há algo que esteja a interferir nesse processo.

O desenho em suas etapas, contribui para a representação simbólica, e auxilia no desenvolvimento motor, emocional e da aprendizagem, pois a criança de forma inconsciente, transfere para o papel sentimentos e a sua forma de ver o mundo. Por isso é importante observar esses desenhos de acordo com os estágios em que as crianças se encontram, e considerar as diferenças e particularidades de cada uma, para não se ter uma constatação errônea acerca da interpretação.

Sendo assim, o ato de desenhar não pode ser usado em sala de aula como um passatempo ou uma ocupação para preencher o horário vago da aula, mas sim como uma atividade dotada de significados. Como foi citado no decorrer desse artigo, é por meio do desenho que a criança encontra uma maneira de expressar-se, de contar histórias, brincar, externalizar e ilustrar sentimentos, sonhos, características e emoções, e expõem a sua visão e construção de mundo. Portanto, ele é um instrumento que possibilita e auxilia o desenvolvimento da formação integral do ser humano, em todas as suas subdivisões, sendo elas cognitivas, emocionais e afetivas, e também motoras.

## REFERÊNCIAS

ALEXANDROFF, Marlene C. **Os caminhos paralelos do desenvolvimento e da escrita**. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae., 2010.

BAUMAN, Zyngmunt; tradução DENTZIEN Plínio. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BÉDARD, Nicole. **Como interpretar os desenhos das crianças**. São Paulo: Editora Isis, 2013.

CAMPOS, Dinah M. de S. **Psicologia e desenvolvimento humano**, 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

CAMPOS, Dinah M. de S. **O teste do desenho como instrumento de diagnóstico da personalidade**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CAVICCHIA, D. de C. **O desenvolvimento da criança nos primeiros anos de vida**. São Paulo: UNESP, 2010.

COSTA, Johnatan da S.; PAIVA, Natália M. N. **A influência da tecnologia na infância: desenvolvimento ou ameaça?** O portal dos psicólogos, PSICOLOGIA, Teresina, PI, 2015. Disponível em: <<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0839.pdf>> Acesso em: 21 out. 2021.

DESENHO-conceito, e o que é. **Conceitos.com**, 2020. Disponível em: <<https://conceitos.com/desenho/>>. Acesso em: 02 out. 2021.

HANAUER, Fernanda. Riscos e Rabiscos: O desenho na Educação Infantil. **REI, Revista de Educação do IDEAU**, v. 37, n. 140, Erechim, RS, 2011. Disponível em: <[https://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/140\\_374.pdf](https://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/140_374.pdf)>. Acesso em: 12 out. 2021.

JÚNIOR, Lindolfo de O. R.; OLIVEIRA, Mariany S.; e RIBEIRO, Rosângela de M. M. **A importância do desenho na educação infantil: uma atividade de várias significações**. Portal FSLF (Faculdade São Luiz de França), Aracaju, SE, 2016. Disponível em: [https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc\\_02-1.pdf](https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc_02-1.pdf)>. Acesso em: 02 out. 2021.

NÍVEIS da escrita- Pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético. **Escola Educação**, 2021. Disponível em: <<https://escolaeducacao.com.br/niveis-da-escrita/>> Acesso em: Acesso em: 02 out. 2021.

OLIVEIRA, Juliana A.; FOSCHIERA, Elisabeth M. **A importância do desenho no desenvolvimento infantil e suas significações para além dos estereótipos**. Rio Grande do Sul: UFP, 2019.

PIAGET, Jean e B. I. **A psicologia da criança**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil LTDA, 2021.

WALLON, Henri. **Do ato ao pensamento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.